

PARABÉNS, A VOCÊ!



Uma história totalmente inventada,
baseada em fatos reais

MARCELO DUARTE

PARABÉNS, A VOCÊ!



Uma história totalmente inventada,
baseada em fatos reais

ilustrações de
EVANDRO MARENDA



Texto © Marcelo Duarte
Ilustração © Evandro Marenda

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Capa
Evandro Marenda

Diretora comercial
Patth Pachas

Diagramação
Alex Yamaki (Estúdio Designados)

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Pesquisa iconográfica
Angelita Cardoso

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Preparação
Tássia Carvalho

Assistentes editoriais
Olívia Tavares
Camila Martins

Revisão
Daniel Moreira Safadi
Beatriz de Freitas Moreira

Fotos
p. 88: © Arquivo/Estadão
p. 90: © Reprodução/Acervo do autor
p. 91: © University of Louisville, Kentucky, USA
p. 93: © Fotógrafo não identificado/Coleção
José Ramos Tinhorão/Instituto Moreira Salles
p. 94: © Acervo EBC/Agência Brasil

Impressão
Corprint

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D873p
Duarte, Marcelo
Parabéns a você! / Marcelo Duarte; ilustração Evandro
Marenda. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2022. 104 pp. il.

ISBN: 978-65-5697-182-7

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Marenda,
Evandro. II. Título.

21-74285

CDD: 808.899282
CDU: 82-93(81)

Biblioteca: Leandra Felix da Cruz Candido – CRB-7/6135

2022

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

“Os pequenos detalhes são
sempre os mais importantes.”

Sherlock Holmes

SUMÁRIO

O Clube de Poesia	9
O que roubaram?	17
Uma de nós	23
Remédios bem piores	33
Se ela estiver certa?	37
O arame farpado da discórdia	41
Você desistiu mesmo?	45
Mulheres para a guerra	47
Quando o carteiro chegou	51
Hoje vai ser uma festa	55
“Eu sei quem fez isso com você” ...	61
Dívidas do irmão	65
A ganhadora é... ..	69
O maior mistério	73
A revelação	79
Noite de autógrafos	83
Os bastidores desta história	89
Referências bibliográficas	103

O CLUBE DE POESIA

Na casa havia três quartos, um escritório, duas salas, dois banheiros, copa, cozinha, quarto de empregada, porão, varanda e quintal. O encontro aconteceria às três da tarde.

Mercedes começou a andar ao redor da mesa de jacarandá ovalada, verificando em minúcia cada detalhe. Olhou a louça de porcelana pintada à mão, presente de casamento com vinte e dois anos de vida. As xícaras com filetes dourados na borda eram seu xodó. Conferiu os pratos, o bule, os talheres de prata, os copos de cristal da Boêmia, os guardanapos de linho com o monograma do casal... tudo devia estar no lugar certo. Com passos lentos, às vezes voltava para rever algum pormenor, tudo sob o olhar preocupado de Virgínia, a empregada responsável por arrumar a copa para o encontro quinzenal do Clube Pindamonhangabense de Poesia. As cinco participantes se reuniam sempre na maior casa de todas, a de Mercedes, e a anfitriã fazia de tudo para se superar na preparação dos quitutes. Nesses

dias, Virgínia se apavorava com as exigências da patroa. Mercedes ainda avaliava a posição de item por item: o açucareiro, as jarras de água e groselha, a manteigueira, o pote de geleia de mocotó, as fatias de marmelada, o arranjo de flores. Nunca faltavam os esmerados sequilhos da Padaria São José, que o próprio dono fazia questão de vir lhe entregar semana sim, semana não.

As convidadas foram chegando pontualmente. Era de bom-tom trazer um mimo para a anfitriã, que educadamente dizia toda vez: “Não precisava se incomodar”. As primeiras foram Maria Aparecida (com dois pés mesmo, como fazia questão de pontuar), a costureira mais requisitada pelas moças da cidade, e Marinês, enfermeira da Santa Casa de Misericórdia e a única solteira do grupo. Alguns minutos depois, Clarice, esposa do delegado Aduino Nogueira, surgiu se equilibrando em saltos altos finíssimos, num constante claque-claque no chão de tábuas largas. Sempre se vestia com roupas pretas (dizia que a cor a fazia parecer mais magra).

Clarice nunca escondeu das amigas que não gostava muito de poesia. Frequentava os encontros apenas como passatempo. Sempre gostara dos romances policiais, em especial os de uma inglesa chamada Agatha Christie. Sonhava em criar o Clu-

be de Leitura de Histórias de Detetive, mas faltava quórum na cidade.

Bertha, embora morasse na própria Bicudo Leme, a menos de quatro quadras do casarão de Mercedes, foi a última a chegar. Entregou a bolsa a Virgínia, que lhe abriu a porta, e saudou todas:

– Desculpem a demora. Loli bateu a cabeça bem na hora em que estava saindo... Tive que fazer uma salmoura para colocar no galo que se formou – contou sobre Lorice, a filha única, de doze anos.

Não demorou tanto assim, mas estavam todas ansiosas pelo encontro – e também pelas comidinhas. O chiar da chaleira indicando a água fervendo era o sinal para se dirigirem à mesa. Como das últimas vezes, Mercedes tomou o cuidado de não deixar Maria Aparecida ao lado de Bertha. As cinco amigas sempre iniciavam o ritual pelo chá e, depois, já satisfeitas, retornavam à sala para apresentar as poesias que tinham selecionado ou produzido para a ocasião.

– Que lindo anel, Clarice! – observou Mercedes, quando a amiga esticou a mão para apanhar um brioche.

– Gostou? – a ideia de Clarice era mesmo que todas vissem a nova joia. – O Adauto comprou na Casa Duarte, aquela loja nova da avenida Tibiriçá. Com-

pletamos quinze anos de casados no domingo e ele me presenteou com essa surpresa.

– Parabéns... Quinze anos! Bodas de cristal. – Bertha colocou dois cubinhos de açúcar no chá, mexeu a bebida ainda bem quente e aproveitou aquele átimo de silêncio para mudar de assunto: – Vocês ouviram a Rádio Nacional no sábado à noite?

O balançar de cabeças para os lados indicou que não, e estavam curiosas para saber o motivo da pergunta.

– Eu gosto de ouvir um programa chamado *A Orquestra de Gaitas da Rádio Nacional* – disse Bertha. – É todo sábado, às nove da noite. O apresentador inventou um concurso muito interessante.

– Um concurso?! – surpreendeu-se Mercedes.

– É, o Almirante é muito criativo... – completou Bertha.

– Almirante?!? É algo ligado à terrível guerra que está destruindo a Europa? – perguntou Clarice, os olhos fixos nas balas de coco no centro da mesa.

Bertha explicou que Almirante era o apelido do cantor e radialista Henrique Foréis Domingues, apresentador do programa na Rádio Nacional, do Rio de Janeiro. Bertha adorava ouvi-lo no rádio de válvulas. Defensor da música brasileira, ele se sentia incomodado – em pleno final de 1941 – com o costu-

me de se cantar aos aniversariantes em inglês. Assim, decidiu promover um concurso para escolher a letra em português que melhor se adaptasse à melodia de *Happy birthday to you*.

– Escrevi uma quadrinha simples ontem à noite – informou Bertha. – Saindo daqui, já passo nos Correios e posto hoje mesmo.

– Qual é o prêmio? – questionou Mercedes.

Virgínia, que acompanhava tudo da cozinha, encostou ainda mais o ouvido na porta quando pronunciaram a palavra “prêmio”. No entanto, naquele momento uma charrete muito barulhenta passou ao lado da casa, impedindo-a de entender o valor. Num gesto tresloucado, irrompeu na sala de jantar.

– O que foi, Virgínia? – assustou-se a anfitriã.

– A senhora não me chamou?

– Não, não chamei. Quando tivermos terminado, aviso você. Pode se retirar.

Virgínia, sem graça, voltou para a cozinha. Mercedes continuou falando:

– Eu até competiria... Mas, com Bertha na disputa, quem de nós teria chance?

– Que disparate, Mercedes – discordou Bertha. – Sua poesia é encantadora. Você também deveria pensar em algo para acabarmos com esse tal de *Happy birthday to you*... Aliás, todas vocês deve-

riam participar. São apenas quatro linhas. Ponham a cabeça para funcionar.

– Eu enrolo toda a minha língua para cantar essa musiquinha chata... – disse Marinês e depois riu.

Depois do chá, as cinco foram para a sala declamar suas poesias. Deliciaram-se com rimas e estrofes por mais de uma hora. Até que, ao conferir o horário no relógio de pulso, Bertha, vendo pela janela que o sol já perdia força, anunciou:

– Preciso ir... Tenho que passar na farmácia também.

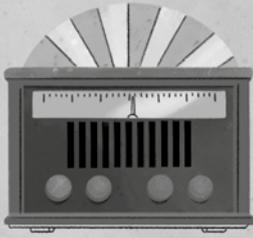
Mercedes deu duas badaladas no sininho que usava para chamar a empregada, e Virgínia apareceu feito um relâmpago.

– Dona Bertha já está indo. Por favor, traga a bolsa dela.

Virgínia assentiu, deixou a sala e voltou com a bolsa de Bertha. Como não estava totalmente fechada, a empregada notou um envelope branco em um dos compartimentos, talvez a quadrinha do concurso.

– Vou aproveitar que Bertha está saindo e irei embora também – disse Marinês. – Preciso passar na mercearia e comprar alguns ingredientes para o jantar.

Clarice e Maria Aparecida resolveram fazer o mesmo. Saíram logo depois e cruzaram com os dois filhos de Mercedes retornando da escola.



Concurso do
Almirante na rádio



Bertha

envelope com
quadrinha



eu

Mercedes



Marinês



Maria Aparecida

* encontro de
(asph)
poesia
15h



Virginia



– Para a próxima reunião, poderíamos escrever poesias com o tema “Paz na Europa”, o que acham?
– sugeri Mercedes antes de se despedir de todas e agradecer os presentinhos com um repetido e protocolar “vocês não precisavam ter se incomodado mesmo”.